

# INFORMAÇÃO BÁSICA PARA UMA INICIAÇÃO À FICÇÃO CIENTÍFICA, COM UMA INTRODUÇÃO SÔBRE LITERATURA FANTÁSTICA

WALDEN CARVALHO

"It is good to renew one's wonder", said the philosopher. "space travel has again made children of us all". (1)

Ficção Científica, ou "Science Fiction", ou ainda Literatura Gótica (como prefere Fausto Cunha. Literatura Gótica se aplica melhor ao gênero de Horror.), Literatura de Antecipação, Ficciologia Literária (de J. B. de Mello e Souza) ou qualquer outro nome que ainda venha a ter, é uma subdivisão da Literatura Fantástica. Definindo Literatura Fantástica, Emilio Carilla diz:

«... abarcamos un mundo que toca, en especial, lo maraviloso, lo extraordinario, lo sobrenatural, lo inexplicable. En otras palabras, al mundo fantástico pertenece lo que escapa, o está en los límites, de la explicación «científica» y realista; lo que está fuera del mundo circundante y demostrable. Paradójicamente, este contenido que le damos parece acercarnos a la primera acepción del diccionario académico: «quimérico, fingido, que no tiene realidad» (ver fantástico). Pero la proximidad es sólo aparente, puesto que esa triple explicación se da rebajada para su sentido más bien negativo y limitado. No cabe duda de que el campo por excelencia del concepto, aquel en que se da con mayor riqueza, es el literario. De tal

maneira, vemos que hay cierto desencuentro o, si se quiere, vaguedad, al aplicar el concepto psicológico a la literatura. Por eso, en el afán de precisar mejor, podemos señalar que la literatura fantástica comprende — en su ámbito de fantasmas y nebulosidades más o menos objetivables — aquella parte de la imaginación creadora que sobrepasa — como tema — límites lógicos y entre en fronteras de delirios, irrealidades, sueños, sobreexcitaciones. Digo, como tema, en la medida que el tema es la condición mínima: de ahí caben otras posibilidades, que llegan hasta la identificación entre imaginación y tema. En fin, hasta es posible hablar de lo fantástico como el amplísimo receptáculo de obras debidas a la fantasía exacerbada, desbordada, extremada. De nuevo, profundidad de límites, ansias de fondo» (2). Carilla continua, logo depois, afirmando que a Literatura Fantástica passou por um processo de purificação e adquiriu maior dignidade depois do Romantismo, apesar de não o suficiente para apagar suas acepções negativas.

Falando sôbre a temática do gênero, faz uma extensa relação: «las alucinaciones, las relaciones entre vida y muerte, la fusión y desaparición de planos (realidad y libro, sueño y realidad), los «fantasmas», la magia, supersticiones y hechicerías, el mundo feérico, los sueños premonitorios, las coincidencias inexplicables, las metamorfosis, los «dobles», los paraísos artificiales, las trasmutaciones de espacio y tiempo, los mundos planetarios (por lo menos, hasta hoy)». Falando em São Paulo, quando recebia o prêmio da I Bienal do Livro, disse Jorge Luis Borges, o «papa» da Literatura Fantástica na América do Sul: «A chamada «Literatura Fantástica» nada tem de arbitrária: nela não intervém a fantasia do autor, êle só a faz refletir a realidade que é simbólica, múltipla, nunca linear — discursiva — lógica, mas que se origina de necessidades íntimas (3). Isso é o bastante para se ter uma idéia do significado da Literatura Fantástica. A história de seres sobrenaturais sempre ocupou a mente do homem, desde o princípio da vida. Talvez a raiz de tôda a problemática, seja o da origem da vida sôbre a Terra. Na constante procura de explicações, o homem tem deparado com uma enormidade de

incógnitas, e em tórno delas, sempre cria uma história, busca uma explicação. Dois livros muito recentes, «Eram os Deuses Astronautas?» (4) e «De Volta às Estrêlas» (5), de Erich von Däniken, podem ser considerados como sendo dois dos estudos mais sérios a respeito. Só em «Eram os Deuses Astronautas?», von Däniken propõe cêrca de 323 interrogações. Imagine-se então, quanta coisa falta ainda ser explicada. São tôdas essas dúvidas, cada uma em seu tempo e em sua época, que foram formando o acêrvo da «Literatura Fantástica». Groff Conklin, na introdução de «The Supernatural Reader» (6), diz a respeito dessa ramificação da Literatura Fantástica (a literatura calcada no sobrenatural ou horror) que ela está profundamente enraizada nos comêços da humanidade e provàvelmente teve suas origens na mágica do homem primitivo e nas primeiras manifestações de religião. Mas à medida que o ser humano e sua condição, suas relações com os deuses, seus podêres de racionalização têm mudado através dos tempos, também tem mudado a sua atitude com relação àqueles estranhos fenômenos fora e acima da ordem natural que êle não podia explicar. Segundo Conklin, a literatura do sobrenatural pode sobreviver até bem depois da razão e do conhecimento científico penetrarem todos os cantos da Terra e os haitianos não mais acreditem no «voodoo», o camponês da Irlanda não mais ouça a «banshee», os alemães estejam livres do «poltergeist» e os holandêses dos bosques da Pennsylvania, do «hex». Há explicações antropológicas e psicológicas para a permanência de estórias sobrenaturais. Por um lado elas preservam tradições raciais dêside os tempos mais primitivos até os nossos dias, frequentemente refletindo os modos de vida, os supostos hábitos, e as crenças de vários períodos da história com fidelidade simbólica. Por outro, o homem, mesmo como um indivíduo racional, parece não estar completamente livre de súbitos acessos de mêdo, sonhos intrincados, estranhas previsões e intuições vagas, que por muito tempo continuarão a ser a inspiração para histórias sobrenaturais e narrativas fantasmagóricas. Uma das mais importantes personagens da literatura de sobrenatural, por exemplo, o Vampiro. Seu criador foi Abraham Stoker (7).

O Vampiro recebe diversos nomes, de acôrdo com as regiões onde é constatada a sua presença (principalmente na Rússia, Silésia, Morávia, Eslováquia e Hungria): «upirs» na Polônia, «brucolaques» na Grécia, «ghouls» na Arábia, «vrolek» na Eslováquia, «vlkoslak» na Sérvia, etc (8). Segundo Harry Ludlam (9), Stoker teria se baseado em Drakula, «wojewoda» (antiga designação dos príncipes soberanos da Moldávia e da Valáquia) que aterrorizara o último reino entre 1445 e 1452. Outro clássico da Literatura Gótica (aqui, no sentido exato!) é «Frankenstein» (1818), de Mary Godwin Shelley (10). Alguns outros detalhes sôbre vampiros, podem ser encontrados em «L'art et la Littérature Fantastique», de Louis Vax (11). A Literatura Fantástica possui uma respeitável relação de escritores. Para citar apenas os mais importantes: Edgar Allan Poe (12), Ray Bradbury (13), Franz Kafka (14), Jorge Luis Borges (15), Karel Capek-Chod (16), Karel Capek (17), Aldous Huxley (18) Alfred Jarry (19), Horace Walpole (20), Sheridan Le Fanu (21), Clara Reeve (22), Matthew Gregory Lewis (23), Nathaniel Hawthorne (24), Robert Louis Stevenson (25), Ítalo Calvino (26), Francis Scott Key Fitzgerald (27) e Eugene Ionesco (28) (êsses dois últimos, com pequenas incursões). Tangenciaram também o gênero, gente como: Anatole France, Guimarães Rosa, Bernard Shaw, Hoffmann, Jonathan Swift, Gaston Leroux, Arthur Conan Doyle e Júlio Verne.

#### — FICÇÃO CIENTÍFICA —

O termo Ficção Científica se deve a Hugo Gernsback, que em 1926 fundou a *Amazing Stories*, e que trouxe as primeiras obras da FC, nos moldes atualmente conhecidos. Em tôrno do nome a essa ramificação da Literatura Fantástica, já vai uma enorme polêmica, e que não cabe nos limites dessa “informação». No entanto, «em termos breves, ficção científica é um gênero literário cujo material se colhe na ideologia da ciência. Não é estranho, portanto, que o science fiction que efetivamente valorizamos seja aquêle onde o «gadget» é simplesmente um mitema da mitologia (da ideologia) científica” (29). A origem da Ficção Científica é a mais digna possível

O primeiro escritor de FC parece ter sido Luciano de Samósata, um grego do século II, com «História Verídica». Após Samósata, segue-lhe uma respeitável galeria: «Somnium» de Johannes Kepler (1634); “Man in the Moone”, Bishop Godwin (1638); “História Cômica dos Estados e Impérios da Lua e do Sol”, Cyrano de Bergerac (1649); “Micromegas”, Voltaire (1752); “As Viagens de Gulliver”, Jonathan Swift (1726); “A Utopia”, Thomas Morus (1516); “Nova Atlântida”, Sir Francis Bacon (1624); “The Consolidação”, Daniel Defoe (1705); “Erewhon”, Butler; “Na Superfície do Disco Lunar”, Plutarco; “A República”, Platão; “A Cidade do Sol”, Tomaso Campanella. Todos os grandes utopistas, Fourier, Gabet, Bakunin, William Morris (News From Nowhere, principalmente) e Bellamy, possuem uma das grandes características da moderna FC, as “idéias inspiradoras das classes em rebelião e ascensão, e em oposição às ideologias que racionalizam e estratificam o pensamento das classes dominantes” conforme Manhein. Uma outra polêmica, a discussão sobre o reconhecimento do valor e importância da Ficção Científica. Num artigo para o Suplemento Literário de «O Estado de São Paulo», com título de «Science Fiction» (30), Otto Maria Carpeaux resume toda a opinião e argumentação contrária ao gênero, chamando-o de «literatura de outer space», «literatura astronômica», «literatura de cordel», «loucura coletiva», «literatura de baixa qualidade», e por aí a fora... Carpeaux acredita numa profunda diferença qualitativa na FC anterior e posterior a 1920. O comentário surgiu após a leitura de uma obra de M. Schwonke, que caracterizava alguns aspectos das utopias antigas e modernas (estudo sobre a função da utopia científico-técnica). Aos anteriores a 1920, uma atitude algo beneplácida, apenas afirmando que «a fantasia dos autores de livros de leitura infantil não conseguiu competir com a imaginação criadora dos físicos, químicos e engenheiros. Por isso, seus livros deixaram de ser lidos pelos adultos». Lembra as utopias de Bacon e, em se julgando pelo título da obra de M. Schwonke, a atual FC abandona a utopia. No entanto, num estudo sobre as utopias, Raymond Ruyer (31), citado por Irineu de Moura (32), esboça uma classifi-

cação segundo as intenções: as que são cidades da felicidade, o “país-que-o-coração-deseja” (utopias de evasão, para Mumdord, citado por Ruyer), utopias em que há puro sonho; há as em que se apresenta «o antimundo, um mundo paralelo ou deformado» (utopias de reconstrução) para exercer crítica «indireta, mais expressiva e eficaz»; há as utopias neutras, «entre o sonho e a crítica», que simplesmente exploram os possíveis, de modo fantasista ou rigoroso; há as utopias «constitutivas», projetos de constituição ou de legislação; há finalmente, utopias que são engenhosas fabulações, que dependem do «estado do pensamento na época em que o utopista escreve». Ruyer ainda diz que os antigos projetavam a Utopia no passado, na Idade do Ouro, ou no longínquo geográfico. No século XVI, após a descoberta da América, recorre-se sobretudo a uma ilha desconhecida, descoberta por êmulos de Cristóvão Colombo (... Bacon, ... Morus). Nos séculos XVIII e XIX começa o reino das viagens de fantasia e das antecipações. Os contemporâneos empregam possibilidades científicas novas, como a quarta dimensão e a astronáutica. Carpeaux se esqueceu que grande parte da moderna FC não tem nada com aventuras espaciais. Muitas delas se realizam em nosso próprio mundo ou apenas fora de nosso tempo. Citando ainda Irineu de Moura, que afirma que o que poderia parecer à primeira vista alienação individual e literatura para a «parte menos adulta, etc» e também «loucura coletiva», exprimiria todo um problema de alienação social, de que a Ficção Científica é um sintoma, mas que existe também na literatura séria. «Explicar com a dicotomia normal-anormal, ou literatura-subliteratura, é reduzir em demasia o problema. Parece que a crítica, atenta somente aos valores estéticos, recusa-se a admitir o problema social, deixando a ficção científica a uma parte anormal, infantil, da humanidade. Esquece-se não somente de que não há uma ficção científica (como não há uma utopia), nem um só tipo de leitor para a mesma, como e principalmente fala em termos de normal e anormal como se existisse um fosso separando são, de um lado, doente, do outro. O indivíduo é algo mais complexo, no qual aspectos adultos coexistem

ao lado de aspectos infantis, ou menos adultos. Considerar a Science-Fiction como subliteratura de anormais definitivos ou místicos desesperados, é não querer reconhecer, na sociedade, os fatores de alienação que levam à doença. É uma posição insustentável, mesmo no campo da literatura séria, de Kafka, Hesse e outros. O mal é geral, e varia em grau, não em qualidade, e cumpriria investigar, concretamente, quem lê ficção científica; por que lê; se também lê outra literatura séria, e qual; se lê romance policial; se lia policiais e os deixou de lado, passando à ficção científica, etc. Só depois disso poderia ser definida em termos mais exatos, que não os da vasta complexidade que vai, como vimos, da evasão à antevisão, da utopia ao romance de aventuras». Defini-la como foi feita por Carpeaux é cair dentro do que outro psicanalista, dr. José Bleger, criticou: «La continuidad entre normalidad y cuadros psicopatológicos establecida por el psicoanálisis, em el sentido de que entre uno y otro existe una diferencia cuantitativa, pero que se trata de los mismos mecanismos, levantó una ola de indignación y protesta que todavía no ha cesado del todo. Se la atribuyo a resistencia psicológica, a la angustia que provoca el acercar demasiado la neurosis a la normalidad y la falta de barreras pecisas. Sí, es esto y algo más, que recién empezamos a vislumbrar: las ideas de Freud sobre la relación y continuidad entre normalidad y neurosis, señalan que la misma sociedad en que viven las personas sanas contiene los factores de alienación que llevan a la enfermedad, como recientemente lo há estudiado y expuesto, entre otros, Foucault. Las ideas difundidas sobre las neurosis consideradas como desadaptación social ocultan el carácter alienado de nuestra sociedad (33). Conclui Irineu: «será que a resistência dos críticos em aceitarem a ficção científica como literatura — ou subliteratura — também de adultos «normais», não será irmã daquela resistência que, como notou Bleger, não quer reconhecer que a sociedade em que vivem as pessoas sãs contém os fatores de alienação que levam à enfermidade?» A FC é também, o resultado de todo o processo cultural que traz ao alcance do leitor médio, os fatos científicos de uma

época, não devendo no entanto, ser comparada em grau de funcionalidade, a coisas como «Popular Mechanics», «Popular Science» ou «The Reader's Digest». A Ficção Científica, em suas raízes, é um produto da cultura inglesa, como quase toda a Literatura Fantástica. Os grandes nomes da FC, quase todos, vêm da Inglaterra: Arthur C. Clarke, Harold Mead, Edmund Cooper, James Blish, John Wyndham, Brian Aldiss, Wells, Robert Graves, Aldous Huxley, William Morris, George Orwell (34), Olaf Stapledon, Hugh Walpole, Arnold Bennett, J.B. Priestley ou Sir Thomas Morus. No entanto, a FC é hoje uma literatura predominantemente norte-americana, e talvez seja esse o seu maior pecado, devido à falta de tradição cultural do norte-americano. No período entre as duas guerras mundiais, a FC foi invadida por uma enorme quantidade de obras de baixa qualidade (a space opera), reflexo dos grandes movimentos de massa, da inquietação e terror, do caos econômico, e da profunda necessidade de uma fuga para o futuro. Era um gênero cheio de louras fabulosas, monstros interplanetários (bug-eyed monsters), cientistas loucos e quadrilhas de assaltantes. Não se pode dizer, que a «space opera» tenha produzido apenas subliteratura. Seria impossível negar valor a, por exemplo, «Ceux de Nulle Part» (Guerra das Estrelas) de Francis Carsac ou «The Space Beagle» de Van Vogt. Na revista «Fiction», de maio de 1958, diz Gabriel Authier, sobre a ficção científica nos Estados Unidos — «Com efeito, se (na ficção científica norte-americana) se encontram amiúde excelentes idéias de base científicas, por outro lado ela está sempre marcada pelo defeito americano típico que consiste, por falta de cultura geral, numa incapacidade de imaginar que as maneiras de pensar do americano médio atual não devem ser o fim último da evolução intelectual de toda criatura pensante. Esse tipo-padrão da mentalidade americana se manifesta em quatro pontos essenciais:

1º) O ideal democrático, em face do qual se ergue o grande lobo mau do ideal autoritário. Esse problema irrita, à força de ser encontrado na maioria das histórias americanas de S.F., onde êle, na maior parte do tempo, nada tem que



fazer. É de resto perfeitamente pueril, porque, além de não existir um regime político perfeito, apto a ser aplicado a todos os seres de todos os lugares e de todos os tempos, não ficou sequer demonstrado ainda que esse regime seja bom para o povo americano.

2º) O ideal tecnológico, fundado numa sólida crença na onipotência do progresso material, tendo como cordário a necessidade final de uma tecnocracia evidentemente democrática. Esse problema, menos agudo que o precedente, tem no entanto um lugar de destaque no além-Atlântico.

3º) O ideal comercial, segundo o qual se deve obrigatoriamente acreditar que toda sociedade civilizada fará repusar seus princípios diretores nos princípios comerciais que regem o americano médio do século XX.

4º) A superioridade absoluta da mulher sobre o homem em todos os domínios, em particular em tudo que seja moral, mental, intelectual, psicológico. Todos sabem que as mulheres americanas têm no seu país um estatuto geral muito particular, que não se encontra em nenhum outro país. Daí resultam atitudes muito particulares entre a mulher e o homem ou entre a mulher e a sociedade, atitudes que são absolutamente específicas dos Estados Unidos. Ora, é curioso verificar que nenhum escritor americano de SF, que eu saiba, foi ainda capaz de apresentar uma atitude feminina diferente daquela, quer sejam mulheres européias, quer mulheres de Marte e de alhures... Existe, aos olhos desse escritor, seja ele quem for, um tipo único de mulher, que é o da americana média atual, e que vamos encontrar em todos os lugares do Universo e em todos os tempos, com as mesmas reações psicológicas. Esse último problema não é menos irritante que os demais.

Ora, não ser capaz de sair de seu cantinho psicológico é precisamente o que caracteriza a falta de cultura geral. Evidentemente, isso, na minha opinião, não se aplica a todos os escritores de FC norte-americanos e nem é o sintoma de uma «decadência da ficção científica» como poderia se supor. A FC é um vício, e a «space opera» é o último recurso quando não há mais nada para se ler. Uma biblioteca mínima de

Ficção Científica deve conter, obrigatoriamente, o seguinte: *The Desmolished Man*, *Sturburst*, *The Stars My Destination*, de Alfred Bester; *City*, de Clifford D. Simak; *The Puppet Masters*, *The End of Eternity*, de Robert Heinlein; *Voyages Extraordinaires dans les mondes connus et inconnus* (completo) de Verne; *The Last and First Men*, *Odd John*, *Star Maker*, de Olaf Stapledon; *The Sirens of Titan*, *The Martian Chronicles*, *The Silver Locusts*, *Fahrenheit 451*, *The Illustrated Man*, *The Golden Apples of the Sun*, *Dandelion Wine*, de Ray Bradbury; 1984, de George Orwell; *The Time Machine*, *The War of the Worlds*, de Wells (35); *Immortality, Inc.*, de Robert Sheckley; *A Canticle for Leibowitz*, de Walter Miller Jr.; *More than Human*, de Theodore Sturgeon; *"I, Robot"*, *Foundation*, *Foundation and Empire*, *Second Foundation*, de Isaac Asimov; *Childhood's End*, de Arthur C. Clarke; *The Voyage of the Space Beagle*, de A. E. van Vogt. Além disso, há uma galeria de segundo time, com alguns rasgos de genialidade: Judith Merrill, William Tenn, Peter Redgrove, Fritz Leiber, Frederic Brown, E. C. Tubb, Rex Gordon, Cyril M. Kornbluth, Murray Leinster, Poul Anderson, Howard Philips Lovecraft, Jean Hougron, Howard Fast, Fred Hoyle, Willy Ley, Julian Huxley, Stefan Wul, C. S. Lewis, Ivan Efremov, Robert Silverberg, John D. MacDonald, Avram Davidson, James Thurber, Hans Hellmut Kirst, Peter Phillips, Mordecai Roshwald, J. G. Ballard, Kurt Vonnegut, Charles Eric Maine, J. H. Rosny Aîné, Lester Del Rey, Fowler Wright, Roger Zelazny. Alguma coisa de John Steinbeck, Andre Maurois (36), Dürrenmatt, Lawrence Durrell (37) e Júlio Costázar. No Brasil, podemos citar: Fausto Cunha (*Noites Marcianas* é a melhor obra de Ficção Científica já escrita por aqui), Dinah Silveira de Queiroz, André Carneiro, Antônio Qlinto, Clóvis Garcia, Jerônimo Monteiro, Afonso Schmidt, Menotti Del Picchia, Monteiro Lobato (principalmente *"O Presidente Negro"*), Lúcia Benedetti, Alvaro Malheiros, Rubens Teixeira Scavone, Zora Seljan e o grande João, João Guimarães Rosa. E por fim, uma figura que não deve jamais ser desprezada quando se fala em FC, Alex Raymond, que em 1936 criou *"Flash Gordon"*.

## NOTAS

1. *The Martian Chronicles* — Ray Bradbury — Time Reading Program Special Edition — Time Incorporated — New York — 1963.
2. *El Cuento Fantástico* — Emilio Carilla — Editorial Nova — Buenos Aires — 1968.
3. Jorge Luís Borges, numa entrevista concedida a Leo Gilson Ribeiro. "Veja", n° 103, de 26-8-70.
4. *Erinnerungen An Die Zukunft* — Erich von Däniken — Econ-Verlag GmbH, Düsseldorf und Wien — 1968 — *Eram os Deuses Astronautas?* — Tradução de E. G. Kalmus — Edições Melhoramentos — 4ª edição — Abril de 1970.
5. *Zurück Zu Den Sternen* — Erich von Däniken — Econ-Verlag GmbH, Düsseldorf und Wien — 1969 — *De Volta às Estrélas* — Tradução de Else Graf Kalmus e Trude von Laschan Solstein — Edições Melhoramentos — 1970.
6. *The Supernatural Reader* — Edited by Groff Conklin — Collier Books — New York, N. Y.
7. Abraham Stoker (1847-1912) — *The Duties of Clerks of Petty Sessions in Ireland (1878)*, *Under the Sunset (1882)*, *A Glimpse of America (1885)*, *The Snake's Pass (1890)*, *Cookan Sands (1894)*, *The Watter's Mou (1894)*, *The Man from Shorrox's (1894)*, *The Shoulder of Shata (1895)*, *Dracula (1897)*, *Miss Betty (1898)*, *The Mistery of the Sea (1902)*, *The Jewel of Seven Stars (1904)*, *The Man (1905)*, *Personal Reminiscences of Henry Irving (1906)*, *The Gates of Life (1908)*, *Lady Athlyne (1908)*, *The Lady of the Shroud (1909)*, *Famous Imposters (1910)*, *The Lair of the White Worm (1911)*, *Dracula's Guest (1914)*.
8. *Le Miroir de la Magie* — Kurt Seligman — Éditions du Sagittaire — Paris — 1961.
9. *A Biography of Dracula — The Life Story of Bram Stoker* — Harry Ludlam — W. Foulsham & Co. Ltd. — Londres.
10. Mary Godwin Shelley (1797-1851) — *Frankenstein (1818)*, *Valperga (1823)*, *The Last Man (1825)*, *Perkin Warbeck (1830)*, *Lodore (1835)*, *Falkner (1837)*.
11. Louis Vax — *L'art et la littérature fantastique* — PUF — Paris — 1960.
12. Edgar Allan Poe (1809-1849) — *Tamerlane and Other Poems (1827)*, *Al Aaraaf, Tamerlane, and Minor Poems (1829)*, *Poems by Edgar Allan Poe (1831)*, *Tales of the Grotesque and Arabesque (1840)*, *The Raven and Other Poems (1845)*, *For Annie, Ulalume, Annabel Lee, The Bells, El Dorado.*

13. Ray Bradbury (1920) — *The Illustrated Man*, *The Golden Apples of the Sun*, *Dandelion Wine*, *A Medicine for Melancholy*, *Timeless Stories for Today and Tomorrow*, *The Martha Chronicles*, *Ris for Rocket*, *The Machineries of Joy*, *Something Wicked this Way Comes*, *The Day It Rained Forever*, *Fahrenheit 451*, *The Small Assassin*, *The Silves Locusts*, *The October Country*.
14. Franz Kafka (1883-1924) — *Betrachtung* (1912), *Das Urteil* (1916), *Die Verwandlung* (1916), *Ein Landarzt* (1919), *In der Strafkolonie* (1919), *Der Prozess* (1925), *Das Schloss* (1926), *Amerika* (1927), *Beim Bau der chinesischen Mauer* (1931), *Beschreibung eines Kampfes* (1936), *Tagebuecher* (1937).
15. Jorge Luis Borges (1900) — *Fervor de Buenos Aires* (1923), *Luna de enfrente* (1925), *História Universal de la infamia* (1935), *Ficciones* (1944), *El Aleph* (1949).
16. Karel Capek-Chod (1860-1927) — *Karel Lén, o vingador* (1908), *A Turbina* (1916), *Antonin Vondrej* (1918), *Jindra, pai e filho* (1920), *Vilém Rozkoc* (1924).
17. Karel Capek (1890-1938) — *R.U.R.* (1921), *La vida dos insetos* (1921), *O negócio Makropulos* (1923), *A peste branca* (1937).
18. Audous Huxley (1894-1963) — *Crome Yellow* (1921), *Antic Hay* (1923), *Those Barren Leaves* (1925), *Point Counter Point* (1928), *Brave New World* (1932), *Eyeless in Gaza* (1936).
19. Alfred Jarry (1873-1907) — *Ubu Roi* (1896), *Ubu Enchainé* (1900), *Messaline* (1901), *Le Sur-Mâle* (1902), *Gestes et opinions su Dr. Faustroll, pataphysicien* (1911).
20. Horace Walpole (1717-1797) — *Catalogue of the Royal and Noble Authors of England* (1758), *Anecdotes of Paiting in England* (1762-1771), *Castle of Otranto* (1764).
21. Sheridan Le Fanu (1814-1873) — *Uncle Silas* (1864), *Carmilla* (1871), *In a Glass Darkly* (1872), *The House by the Church-Yard* (1863), *Wylder's Hand* (1864), *Wyvern Mystery* (1869).
22. Clara Reeve (1729-1807) — *The Old English Baron* (1777), *The Champion of Virtue, a Gothic Tale* (1778).
23. Matthew Gregory Lewis (1775-1818) — *The Monk* (1795), *Tales of Terror* (1799), *Tales of Wonder* (1801), *The Bravo of Venice* (1805), *Mistrust* (1808).
24. Nathaniel Hawthorne (1804-1864) — *Scarlet Letter* (1850), *The Marble Faun* (1860), *Young Goodman Brown* (1835), *The Minister's Black Veil* (1836), *Lady Eleanore's Mantle* (1838), *Rappacini's Daughter* (1844), *The White Old Maid* (1835).
25. Robert Louis Stevenson (1850-1894) — *The Pentland Rising* (1866), *The Charity Bazaar* (1873), *An Appeal to the Clergy of the*

Church of Scotland (1875), Picturesque Notes on Edinburgh (1878), An Inland Voyage (1878), Will o' the Mill (1878), Travels with a Donkey in the Cevennes (1879), Deacon Brodie (1880), The Pavilion on the Links (1883), Silverado Squatters (1883), Thrawn Janet (1881), Treasure Island (1883), Virginibus Puerisque (1881), Familiar Studies of Men and Books (1882), New Arabian Nights (1882), Admiral Guinea (1884/5), Bean Austin (1884/5), Robert Macaire (1892), The Dynamiter (1885), Prince Otto (1885), A Child's Garden of Verses (1885), The Strange case of Doctor Jekyll and Mister Hyde (1886), Kidnapped (1886), Underwoods (1887), Memories and Portraits (1887), The Merry Men (1887), The Black Arrow (1888), Memoir of Fleeming Jeukin (1888), The Master Ballantroe (1889), The Wrong Box (1889), Ballards (1890), Father Damien (1890), The South Seas (1890), The Wrecker (1892), Across the Plains (1892), A Footnote to History (1892), Catriona (1893), Island Nights Entertainments (1893), The Ebb Tide (1894), Vailima Letters (1895), Songs of Travel (1896), Weir of Hermiston (1896), Fables (1896), Saint Yves (1898), Letters to his Family and Friends (1899), Essays in the Art of Writing (1905), Lay Morals (1911), Records of a Family of Engineers (1912).

26. Italo Calvino (1928) — Il sentiero dei nidi di ragno (1946), Il visconte dimezzato (1951), L'estrada in guerra (1953), Il barone rampante (1957), La speculazione edilizia (1957), Racconti (1958).

27. Francis Scott Key Fitzgerald (1896-1940) — This Side of Paradise (1920), Flappers and Philosophers (1920), The Beautiful and Damned (1921), Six Tales of the Jazz Age (1922), The Vegetable (1923), The Great Gatsby (1925), All the Sad Young Men (1926), Tender is the Night (1934), Taps at Reveille (1935), The Last Tycoon (1941).

28. Eugene Ionesco (1912) — La Leçon (1950), La cantatrice chauve (1950), Les Chaises (1951), Le nouveau locataire (1957), Tueur sans gages (1958), Le Rhinocéros (1960), Le Roi se meurt (1962).

29. Francisco Antônio Doria — Science Fiction — Fato & Ficção — Cadernos Brasileiros n° 51 — Janeiro/Feveireiro de 1969.

30. Otto Maria Carpeaux — Science Fiction — Suplemento Literário de "O Estado de São Paulo", n° 131 — 16-5-59.

31. Raymond Ruyer — L'Utopie et les Utopies — Presses Universitaires de France — Paris — 1950.

32. Irineu de Moura — Ficção-Científica: Fantasia e Realidade — Revista Brasileira n° 24 — Julho/Agosto de 1959.

33. José Bleger — Psicoanálises y dialéctica materialista — Ed. Paidós — Buenos Aires — 1958.

34. George Orwell — Pseudônimo de Eric Blair — (1903-1950) — Down and Out in Paris and London (1933), Homage to Catalonia (1938), Animal Farm (1945), Nineteen-Eighty-Four (1949).

35. H. G. Wells (1866-1946) — A Máquina do Tempo (1895), O homem Invisível (1897), A Guerra dos Mundos (1898), Antecipações (1901), Uma Utopia Moderna (1905), Kipps (1905), Tono Bungay (1909), Casamento (1912).

36. Andre Maurois — Pseudônimo de Émile Herzog — (1885) — Ariel ou La vie de Shelley (1923), Disraeli (1927), Climats (1928), Byron (1930), Lyautey (1931), Édouard VII et son temps (1933), Chateaubriand (1938), Lélia ou La vie de George Sand (1952). — Atenção para o conto "The Earth Dweller's", no livro "The Best of Science Fiction 9", de Judith Merril (A Mayflower Paperback — Londres — 1970).

37. Lawrence Durrell (1912) — A private Country (1943), Cities, Plains and People (1946), On Seeming to Presume (1948), The Tree of Idleness (1955), Justine (1957), Balthazar (1958), Mountolive (1958), Clea (1960).

### BIBLIOGRAFIA

- AMADON, ROBERT e ROBERT KANTERS — Anthologie Littéraire de L'occultismo — Paris — 1950.
- AMIS, KINGSLEY — L'univers de la Science-Ficcion — Paris — 1962.
- AMIS, KINGSLEY — New Maps of Hell — Victor Gollancz, Ltd. — Londres — 1961.
- BARRENECHEA, ANA MARIA e EMA SUSANA SPERATTI PINERO — La literatura fantástica en Argentina — México — 1957.
- BIRKHEAD, EDITH — The Tale of Terror — 1921.
- BLIXEN, KAREN — Syv fantastique fortoellinger (na versão inglesa: Seven Gothic Tales) — 1934.
- BORGES, JORGE LUIS — La Literatura Fantástica — Conferência pronunciada em Tucumán — Outubro de 1949.
- BRITO, MARIO DA SILVA — Introdução a "Maravilhas da Ficção Científica" — Editora Cultrix — 1958.
- CAILLOIS, ROGER — Au Coeur du Fantastique — Paris — 1965.
- CALOGERO, GUIDO — "Fantasia" e "Immaginazione" — Artigos para a Enciclopédia Italiana Treccani — Volumes XIV e XVIII — Roma — 1951.
- CAPANNA, PABLO — El sentido de la ciencia-ficción — Ed. Columba — Buenos Aires — 1966.
- CARILLA, EMILIO — Los árabes y la literatura fantástica en España y Morsamor — Estudios de literatura española — Rosario — 1958.

- CASTRO, AUGUSTO DE — ABC da Science Fiction — Diner's de julho de 1968.
- CLARK, KENNETH — The Gothic Revival — 1950.
- COUTINHO, EDILBERTO — Ficção Científica, Utopia Concreta — "Correio da Manhã" de 29-4-70.
- CUNHA, FAUSTO — Ascensão e Queda da Ficção Científica — Revista Civilização Brasileira, nº 13 — Maio de 1967.
- DÓRIA, FRANCISCO ANTONIO — Science Fiction — Fato & Ficção — Cadernos Brasileiros, nº 51 — Janeiro/Fevereiro de 1969.
- ELIADE, MIRCEA — Mythes, Rêves et Mystères — Paris — 1957.
- EUROPE, REVISTA — nº 139/140 — Julho/Agosto de 1957 — Número especial dedicado à Ficção Científica.
- FAIVRE, TONY e JEAN CLAUDE ROMER — Revista "Midi-Minuit Fantastique" — nº 4/5 — Paris — 1963.
- FIEDLER, LESLIE A. — Love and Death in the American Novel — 1960.
- FOSTER, JAMES R. — History of the Pre-Romantic Novel in England — 1949.
- FRAZER, SIR JAMES GEORGES — The Golden Bough: A Study in Magic and Religion — Londres — 12 volumes — 3ª edição — 1951.
- GARRISON, JOSEPH M. JR. — The Function of Terror in the Work of Edgar Allan Poe — 1966.
- GOLIGORSKY, EDUARDO e MARIA LANGER — Ciencia Ficción, realidad y psicoanálisis — Editorial Paidós — Buenos Aires — 1969.
- HELLENS, FRANZ (Pseudônimo de Franz van Ermenger) — Realités fantastiques — 1923/31.
- LANGER, MARIA — Fantasias eternas a la luz del psicoanálisis — Editorial Nova — Buenos Aires — 1957.
- LEVIN, HARRY — The Power of Blackness — 1958.
- LOVECRAFT, HOWARD PHILIPS — Supernatural Horror in Literature — New York — 1945.
- LOWES, JOHN LIVINGSTON — The road to Xanadu; a study in the ways of imagination — Boston — 1930.
- MAYO, ROBERT D. — The Gothic Short Story in the Magazines — Modern Language Review — 1942.
- MOSKOWITZ, SAM — Seekers of Tomorrow — Ballantine — N. Y. — 1961.
- NASCIMENTO, ESDRAS DO — Prefácio a "Viagem ao redor da lua" de Júlio Verne — Edições de Ouro — 1964.
- NELSON, LOWRY JR. — Night Thoughts on the Gothic Novel — Yale Review — 1963.

- NICOLAI, NELSON — Introdução a “Labirintos do amanhã” — Editora Mitos, Ltda. — 1964.
- PATCH, HOWAR ROLLIN — The Other World, according to descriptions in medieval literature — (El Otro Mundo en la Literatura Medieval) — Tradução de J. Hernández Campos e Maria Rosa Lida de Malkiel — México — 1956.
- PENZOLDT, P. — The Supernatural in Fiction — The English short story of the supernatural — Londres — 1952.
- PRAZ, MARIO — La carne, la morte e il diavolo nella litteratura romantica — Florença — 1930.
- PRAZ, MARIO — The Romantic Agony — 1933.
- QUEIROZ, DINAH SILVEIRA DE — “Carta a um incerto amigo” — Eles Herdarão a Terra — Edições GRD — 1960.
- RODRIGUES, JAIME — O Vampiro — Revista Diner’s — Outubro de 1968.
- ROY, CLAUDE — Arts fantastiques — Paris — 1960.
- SCHNEIDER, MARCEL — La littérature fantastique en France — Paris — 1964.
- SGARBOSSA, ELISEU — “O autor e a sua obra” — O doutor Jekyll e o Monstro — Robert Louis Stevenson — Edições Paulinas — 1968.
- SPACKS, PATRÍCIA M. — The Insistence of Horror: Aspects of the Supernatural in Eighteenth Century Poetry — 1962.
- SPECTOR, ROBERT DONALD — Seven Masterpieces of Gothic Horror — Bantam Books — 1970.
- SPRIEL, STÉPHANE e VORIS VIAN — Un nouveau genre littéraire — la “science-fiction” — Les Temps Modernes, nº 72 — Outubro de 1951.
- SUMMERS, MONTAGUE — A Gothic Bibliography — 1941.
- SUMMERS, MONTAGUE — The Gothic Quest — 1938.
- TIME, THE EDITORS OF — Editor’s Preface a “The Martian Chronicles” de Ray Bradbury — Time Reading Program Special Edition — Time Incorporated — Ver também a Introdução de Fred Hoyle — 1963.
- VARMA, DEVENDRA — Gothic Flame — 1957.
- VAX, LOUIS — L’art et la littérature fantastique — Paris — 1960.

NOTA NECESSARIA: O autor, em momento algum, pretendeu esgotar o assunto em torno do que deveria ou não ser incluído numa informação básica sobre o tema. Agradeço a Glória Maria de Mello o trabalho de ler os originais, e o esclarecimento de alguns pontos.